

Entre o aqui e o acolá: andanças de uma Residente Social na Província de Buenos Aires - Argentina*

BETWEEN HERE AND THE THERE: WANDERINGS OF A RESIDENCIA SOCIAL IN THE PROVINCE OF BUENOS AIRES - ARGENTINA

Silvia Maria Bahia Martins**

RESUMO

Entre uma andança e outra, uma residente social codifica, em texto de linguagem leve e despretensiosa, as experiências visitadas na Província de Buenos Aires-Argentina. Das fábricas recuperadas às empresas sociais, pretende-se traçar um panorama ampliado da economia social em terras *hermanas*, pelo olhar vacilante de estrangeira. Contrastes e aproximações compõem o rol das percepções relatadas.

Palavras-chave: Sociologia do Trabalho, América Latina, percursos cognitivos, aprendizagem de gestão social

ADBSTRACT

between one and other wanderings, a social resident encodes, text in light and unpretentious, the experiences visited in Buenos Aires, Argentina. Researching Recovered factories or social enterprises, the student intended to trace a expanded view of social economy in "tierras hermanas", by the vacillating look of a foreign. Contrasts and approaches compose the field of the perceptions reported.

Key Words: *Sociology of Labor, Latin America, pathways cognitive, social learning management*

*Relato-síntese da Residência Social, realizada na Província de Buenos Aires - Argentina, entre os dias 6 de julho e 2 de agosto de 2010.

**SILVIA MARIA BAHIA MARTINS - graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Bahia e mestranda em Gestão Social e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Bahia. Atuou como Residente Social no Projeto Incubadora de Núcleos Produtivos Associativos para o Desenvolvimento Sócio Territorial de Itapagipe (CIAGS-UFBA) entre 2006 e 2009. Mestranda em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia.

Desde abril uma lancinante batalha contra o tempo havia sido instaurada. Era preciso conciliar a Residência Social (RS) com o período das férias laborais. A busca de informações na rede virtual e a tradução de cartas de apresentação ganharam espaço privilegiado na rotina diária. Neste ínterim, os contatos com as possíveis organizações receptoras eram realizados como num *blind date*, no qual as partes não se conhecem e desconfiam das intenções uma da outra. Silêncios, negações, respostas demoradas, cartas daqui, emails de lá compuseram a primeira fase do namoro, recheada de promessas. E eis que a resposta chega. Planos, vôo, aterrissagem. Seis de julho de 2010, 9h13min, mapa debaixo do braço. Primeira andança por Buenos Aires.

Para quem já havia experimentado a Residência Social em três anos de projeto de desenvolvimento territorial em Salvador, vivenciá-la em outro *modus operandi* não seria de todo surpresa. A lição de que cada “laboratório” é fluido e rijo, objetivo e místico, havia sido compreendida. Era essencial lidar com a kunderiana insustentável leveza da pesquisa social.

Já aqui estava explícito que a Residência Social, para além das formulações teórico-metodológicas de aprendizagem em contextos de gestão social, é também um processo prático-operacional marcado pela simbiose entre condições pessoais e possibilidade de acessos. Uma viagem para fora do país num período de vinte e oito dias compromete substancialmente o orçamento, mesmo em terras do desvalorizado peso *hermano*. Orquestrar intenções de estudo com as despesas nem tão ordinárias de uma viandante não é tarefa fácil. E ainda havia o espanhol vacilante, o teto não alugado e uma irmã acompanhante... Múltiplas eram as dimensões a tratar.

E nesse misto de incerteza e de sede de experimentação, a perambulação tomou seus primeiros rumos. Inicialmente, o corpo estava escravo dos sentidos e só se disponibilizava a captar as cores, as formas, os cheiros, o ar gélido, as gentes. A percepção inicial entorpecia de tal forma que tudo era novidade, inusitado, peculiar. A sensação de estranheza era propulsora para a descoberta do fugidio da cidade, de seus aspectos mais instantâneos.

Lá, local novo para olhos exógenos, parecia abarrotado de tipos diferentes daqueles visíveis aqui. Existia toda uma moda de cabelos, gestos, adereços à parte. Labirintos de metrô pulverizados da Mafalda de Quino, cartazes peronistas, a divisória entre o centro e a periferia pela linha dos *conurbanos*, os prédios históricos conservados, os laminados prédios de Puerto Madero, a civilidade reservada dos portenhos, as tantas faces de Palermo, as noites banhadas a Gardel, vinhos e suculentos *ojos de bife*. *!Mi Buenos Aires querida!*

Com treinamento e tempo, os percursos cognitivos foram sendo acionados e os objetos e comportamentos adquiriram seus reais contornos; a visão estrangeira já não era tão cativa de arroubos. O ato consciente de caminhar procurava o

cotidiano e suas tramas, decodificando seus signos. Assim era possível enxergar que o contraste lá, em termos de desigualdade social, parece ser menos ofensivo do que o daqui, quiçá pela própria segmentação dos espaços em torno do próprio planejamento urbano. Lá, luxo e miséria circulam em territórios menos mestiços do que os daqui. Dessa forma, foi possível articular o singular com os processos macro sociais; assim foi possível ir a campo.

A Argentina, na América Latina, tem valorosa e reconhecida produção teórico –metodológica no campo da Sociologia do Trabalho. Em outro veio, acolá, o movimento social formado por empreendimentos sócio-econômicos, em especial as fábricas recuperadas, tem demonstrado fôlego entre sucessivas crises econômicas. A tentativa, assim, era fazer da Residência Social uma reflexão concatenada dos dois pontos supracitados, o da pesquisa e o da vivência prática, aproximando-os, quando possível, do tema da dissertação - precarização laboral. Materializar essa combinação num contexto de Residência Social não é tarefa das mais tranquilas no local de origem, imagine-se em território alheio. *“Estimado señor, soy una estudiante brasileña y me gustaría estudiar el fenómeno de la explotación dentro de su empresa, mirar las condiciones de trabajo, conocer la lógica de los pagos y salarios. ¿Cuándo puedo empezar la pesquisa?”* – seria esta uma carta de apresentação convidativa?

Nas trilhas da pesquisa, o cicerone oficial foi o Centro de Estudios e Investigaciones Laborales – Programa de Investigaciones Económicas sobre Tecnología, Trabajo y Empleo, um órgão vinculado ao CONICET, que funciona como o CNPQ daqui. O CEIL-PIETTE agrega diversos pesquisadores, permanentes e contratados, e bolsistas de pós-graduação em torno de linhas de investigação nas Ciências Sociais. Dos mais de dez existentes, dois grupos mostraram-se próximos ao enfoque da RS: um que estava vinculado ao movimento de fábricas recuperadas e outro, com o da economia social. Como os grupos tinham rotina pré-estabelecida e atribulada, a tática adotada se baseava em aproveitar das conversas informais para deslanchar o acesso de contatos de representantes de outras iniciativas e organizações.

Ali foram traçados os instrumentos de pesquisa possíveis para o percurso da Residência: entrevistas semi-estruturadas, roteiros orientadores da observação participante, balizadores da feitura do diário de campo. Além disso, a confecção de outras ferramentas de apoio, como o cronograma de visitas, a catalogação de obras de autores locais e o fichamento das referências bibliográficas disponibilizadas facilitaram a administração do binômio espaço- tempo.

Entre uma andança e outra, a biblioteca do CEIL-PIETTE funcionava como um refúgio do barulho e do vai e vem de um dos centros comerciais da cidade, em seu horário de pico. Ali foi possível traçar as convergências possíveis com a dissertação, já que grande aporte literário específico estava disponível. Livros, monografias, relatórios, estatísticas versavam sobre a temática pesquisada e práticas na sociedade argentina.

Na vertente da vivência prática, a organização catalisadora foi o Fondo de Capital Social, FONCAP, uma iniciativa de caráter público-privada mantida pelo Ministério da Economia e que provê microcrédito, capacitação e assistência técnica para empreendedores individuais e/ou conformados em grupos de pequenos produtores há 13 anos. Dois de seus técnicos, e mais queridos e zelosos parceiros, empenharam-se na marcação e no acompanhamento das visitas a diversas experiências, o que permitiu a revelação de uma foto panorâmica da economia social da Província de Buenos Aires.

Fábricas recuperadas. O fenômeno soma mais de 200 empreendimentos em todo o país. Uma das suas principais bandeiras é a aprovação da nova lei de expropriação, a qual permitiria, dentre tantas outras reivindicações, dar a prioridade aos trabalhadores na ocupação das instalações físicas e na gestão da empresa, caso haja falência e persistência de dívidas trabalhistas. As vinculações ideológicas destes empreendimentos tem reflexos diretos nas suas atividades e filiações políticas. Uma visão entende que a convivência entre a economia social e capitalista é fundamental à existência da primeira, num processo contínuo de trocas; a outra se propõe modelo econômico alternativo e de contraposição aos formatos capitalistas convencionais. Um dos principais representantes da primeira vertente é o Movimento Nacional de Fábricas Recuperadas, liderado pelo advogado Luiz Alberto Caro, também proponente e relator da nova lei de expropriação do país. A outra ala tem a Federação Argentina de Cooperativas de Trabalhadores Autogestionários um de seus defensores. E duas centrais de trabalhadores, a CGT, ala conservadora, e a CTA, mais recente e que agrega também os movimentos sociais, moldam-se pela antítese.

Guelco, uma das mais antigas fábricas recuperadas da Argentina. Seus trabalhadores vivenciaram os tempos áureos de benefícios de diversas ordens, a exploração nos períodos de crise – atraso nos salários por meses seguidos, intensificação das horas de trabalho, férias coletivas quinzenais -, e o desenlace da gestão da indústria de produtos para confeitaria por seus antigos operários, criada nos idos anos 1970. Depois de greves prolongadas e de requerimentos no Ministério do Trabalho, a Justiça permitiu o comodato das instalações físicas da empresa por 20 anos. Entretanto, não havia matéria prima para reiniciar a produção e nem capital de giro para pagar as contas fixas atrasadas. As instituições de crédito, em 2001, tratavam com incredulidade a administração da fábrica realizada pelos próprios trabalhadores, e eles não negam que também duvidavam de sua capacidade. Muitos deles desistiram no decorrer do caminho. Hoje mais de 70 cooperados trabalham, divididos em turnos, com divisão equitativa de sobras. Grande parte das encomendas está submetida à lógica terceirizada de uma das empresas multinacionais líderes em alimentos processados.

Dos tantos formatos percebidos na economia social acolá, a da COLCIC talvez seja a das mais inovadoras. Comisión de Lucha Contra las Inundaciones y La Contaminación, organização não governamental, nasceu em 1985 como

consequência de uma grande inundação. Naquele ano, uma torrente d'água invadiu uma centena de quadras de Bernal e parte de Quilmes, cidades da região metropolitana de Buenos Aires. À época, os canais haviam se transformado numa via barata e cômoda das pessoas se desfazerem do indesejável: nas águas já fétidas eram encontrados desde dejetos domiciliares e industriais até as coisas mais insólitas, como armas, tambores de azeite de oliva, bicicletas. Até mesmo carcaças de carros eram arremessadas no canal como mecanismo de ladrões, domiciliados nas cercanias, escaparem de futuras indagações policiais.

No decorrer de muitas reuniões de vizinhos com representantes de entidades de fomento locais, projetos foram elaborados para atender demandas pontuais da comunidade. No ano de 1990, o grupo conseguiu financiamento para construção de muro de contenção e da cobertura de concreto das encostas nas obras do Canal de Pedras e São Francisco. Em cinco anos, a ONG firmou convênio com a empresa hidráulica da Província de Buenos Aires, a qual prestou serviços na área de limpeza, manutenção e reflorestamento da mata ciliar dos rios da cidade. Este primeiro convênio permitiu a oferta de trabalho para 75 pessoas da própria comunidade. Um ano depois, lançou a campanha de reflorestamento “100.000 árboles para Quilmes”, plantando 12.000 árvores em 2 horas com apoio de 4.000 estudantes da rede pública. Hoje, já estão no terceiro convênio, com possibilidade de quarta renovação. O mais recente intento é formar um consórcio com empresas da região para garantir convênios de maior abrangência com a esfera governamental, trazendo outros benefícios para o *conurbano*. Mais de 100 trabalhadores compõe o quadro funcional da organização. Todos eles tem acesso a serviços médicos às expensas da ONG; um núcleo pedagógico trabalha com aqueles integrantes com baixo índice de escolarização – de um contingente de 30 somente 3 permanecem analfabetos depois de longo período de trabalho continuado.

E na atualidade, a COLCIC coordena quatro empresas sociais: ESAR (Empresa Social de Arroyo), ESBO (Empresa Social de Bombas), La Minga y ESCAT (Empresa Social Catamarán). ESAR é o grupo que se encarrega da limpeza e da manutenção da conta dos canais. Por sua parte, ESBO se dedica à colocação do serviço de bombas de água nos bairros inundados. Nestes casos, as duas empresas firmam convênios com os governos das esferas provinciais e municipais. La Minga é uma empresa criada para construir e melhorar as habitações locais e daqueles que trabalham pela COLCIC. A empresa compra os materiais e os trabalhadores da ONG colaboram com o sistema de mutirão, gratuitamente; uma lista de espera foi estabelecida para atender criteriosamente as famílias mais necessitadas. O último empreendimento é nada menos que o plasmador da construção de uma moderna embarcação em sociedade com a Cátedra de Arquitectura Naval de La Universidad Nacional de Quilmes. Trata-se de um catamarã de fácil navegabilidade, que facilitará o recolhimento de maior quantidade lixo por deslizar pelos canais.

Todo o material coletado nos canais é entregue a catadores que fazem a seleção e a posterior comercialização dos materiais. Todas as ações permanentes estão relacionadas a ações de educação ambiental. E nos dias de convivência grupal e de lazer, promovidos mensalmente, ainda há tempo para produzir vinho tinto. Em essência, é um grupo de vizinhos que trabalha em prol da convivência comunitária.

Na RS, percorrer diversos universos organizacionais, opção feita de forma consciente, no prazo estipulado, privilegiou a amplitude e o aguçamento do olhar, mas nem sempre seu aprofundamento. Neste campo situam-se as visitas ao Hotel Bauen, empresa recuperada desde março 2003; à Cooperativa de Gestores Públicos, EULOGIA, que integra a rede BASES, composta por mais de 25 organizações – a sua existência, há um ano e meio, está vinculada à incubação de redes e à capacitação do quadro técnico-político. A entrevista com Soledad, pesquisadora da experiência da Cooperativa de Travestis. O Mercado da Estepa Patagônica, estudada por Maguen da Universidad Nacional de General Sarmiento - a atuação centra-se na afirmação de laços de confiança, nas estratégias de favorecimento das compras e vendas coletivas por meio da agregação de valor às peças produzidas e na concretização do Banco de Lãs (a associação compra as lãs das produtoras locais e as estoca, o que permite a revenda com repasse de percentual para fundo solidário, constituído com a intenção de subsidiar a construção de domicílios para seus associados). O Centro Comunitário La Sarita, que oferece microcrédito a empreendedores de um dos bairros mais pobres de Quilmes; o Banco Social da Facultad de Agronomía e Ciências Florestais de La Plata, que favorece empréstimo a produtores individuais a juros menores que as do mercado convencional; o Projeto CREES, proveniente da extensão universitária, que trabalha numa perspectiva de acompanhamento de empreendimentos da economia social - iniciativa mais próxima do trabalho de acompanhamento das assessorias das universidades daqui.

Ainda houve espaço na agenda para participação em lançamento de livro *“La precarización del trabajo en América Latina: perspectivas del Capitalismo global”* e em palestras no Centro Cultural de la Cooperación. Dali se extraiu a necessidade pulsante dos *porteños* de avaliar e de sistematizar constantemente os aprendizados construídos, mantidos e ressignificados, fazendo-os circular nos espaços organizacionais. É com base naquilo que foi planejado, elaborado, testado, vivenciado, sistematizado e assim, possível de avaliar, que os atores sociais conseguem fazer pontes entre o aqui, localizado, e o todo, multifacetado. Imperativo de replicar experiências, de garantir os intercâmbios, de permitir as trocas, de aprender.

Depois de tanto caminhar, difícil é codificar as percepções, textualizar as assimilações sem que se escape algum dado, ainda que as impressões continuem vivazes.

Buenos Aires. Outrora celebrada como a mais européia das capitais nos trópicos, inscreve-se num presente cambaleante, reflexo das sucessivas crises econômicas no passado recente, com repercussões sociais e políticas agudas. Lei de conversabilidade peso-dólar no início da década de 1990, crises do México (1994) e da Ásia (1997), governo Menem e os sintomas de desmoronamento da economia no final de 1998, moratória da dívida em 2001 e dezembro de cinco presidentes, *corralito*, colapso econômico e convulsão social, desvalorização do peso, governo Kirchner e renegociação de *la deuda externa*. Desemprego, recessão econômica.

Eis que a Economia Social, discurso e adeptos, é aclamada, por alguns setores, como uma alternativa possível ou mesmo salvacionista para a tensão instalada. Porém, menos que a solidariedade, o que comungava estes trabalhadores era o sentido de ausência, de carência, de negação do convite, restrito a eleitos, ao banquete do capital. Menos que o sentimento de pertença e de identidade revolucionária, dilatava-se o cordão de des-filiação, des-posseção, des-assistência.

Em algumas iniciativas pesquisadas, a produção e sua qualidade são transformadas em preocupação secundária. O entrelaçamento da cadeia produtiva não consegue alcançar a maturidade e a robustez suficientes para deixar de depender da economia convencional. Adaptação, cooptação, submissão? De contramodelo passa a tornar cíclica a economia de pobres para pobres, fincada no espírito de ajuda e irmandade. Mas a existência desse contexto não impediu que outras relações fossem perseguidas. Outros empreendimentos visitados buscam o trabalho conectado, articulado e integrado, usando por vezes a palavra “redes”, percebida como estratégia de fortalecimento das entidades, que isoladas seriam ainda mais solapadas no contexto macro. Esta interação, que tenta superar o utilitarismo e o *pro forme* das assinaturas dos documentos institucionais, permite a estruturação de espaços de diálogo e alianças transitórias e permanentes, nodais e espaçadas, entremeadas de divergência e confiança. Galgam grau de profissionalismo tal no exercício do trabalho que passam a adotar aporte de gerência próximos ao de uma organização tipicamente capitalista, sem escapar dos melindres e dos desafios próprios à gestão que se pretende compartilhada – como lidar com os excedentes, o controle, a gerência, a divisão de tarefas, a participação? Forma é conteúdo?

Os discursos de melhoria da qualidade de vida e do acesso à habitação servem de força motriz que baliza a existência de alguns empreendimentos. Grande parte da vitalidade deles encontra-se na dedicação e no compromisso ideológico de seus integrantes com a causa. Mas não se deve esquecer que as tramas narradas dentro da economia social são conformadas dentro de processos conjunturais de desemprego e de pauperização da população. Utopia e empobrecimento, assim, tornam-se partícipes de um mesmo processo, a exemplo da fábrica recuperada que, após intensas lutas políticas, fica submetida ao jugo de grande multinacional.

Seria esta a alternativa de autonomia ou mais uma das tantas contradições do modelo econômico hegemônico?

Outros pontos importantes: a amplitude das experiências relatadas, como a COLCIC e GUELCO, são pouco visíveis no contexto daqui, em termos de quantidade de associados, tamanho das instalações fabris, dos recursos levantados. Além disso, nem todos os grupos visitados concordam com a confecção de outro mundo, mas buscam praticar formas gerenciais mais democráticas, guiadas por maior horizontalidade.

Nas muitas conversas articuladas com representantes das iniciativas mencionadas, percebe-se o quanto o movimento de Economia Solidária no Brasil é reconhecido e serve como uma bússola para o fenômeno acolá. O Fórum Brasileiro de Economia Solidária, em suas diversas instâncias, bem como a institucionalização da política de governo no formato da Secretaria Nacional de Economia Solidária, é considerado referência exitosa. Sua ausência no modelo argentino é tida como um impeditivo para a consolidação e o fortalecimento do movimento lá. Daqui, percebe-se que lá se conformou uma aura mítica em torno do movimento brasileiro e de suas primeiras incursões institucionais...

O suposto avanço do modelo brasileiro de economia solidária não o exime das lacunas também debatidas pelos argentinos. Marco legal, visibilidade do movimento, marco teórico conceitual, mapeamento dos empreendimentos, ressignificação do mercado e criação de canais e mecanismos alternativos de comercialização, acesso a novas formas de crédito, agregar valor à produção, formação e capacitação do produtor, políticas públicas, afirmar a solidariedade como direito e não como assistencialismo. Este rol compõe parte do acervo de expressões comuns aos discursos e às proposições nos dois países.

Longe de concluir, a escrita das andanças não significa um ponto final. Apresenta-se como uma faísca do processo de interpretação do signo “Residência Social”. Singela, porém dedicada. Convergências, revelações, diferenças, diálogos. A Residência Social favoreceu a compreensão de alguns aspectos. Um deles é que há passantes e caminhantes. As posturas são bem diferenciadas. O passante procura ter a sensação de conforto e estabilidade. É o tipo de contato pretendido pelo turista padrão: a visita pé ante pé torna-se uma mera necessidade de afirmar o que já era sabido; o real e o cotidiano já eram realidade quando da leitura dos folders na agência de turismo. Tudo parece dito. Já o caminhante tem o prazer do percurso, interfere no conteúdo previamente conhecido, corre o risco de colocar-se em dúvida, tem disponibilidade de interagir. A mobilidade guia suas ações.

Hoje, no pendurar temporário dos calçados, ousou parodiar a célebre frase que intitula a autobiografia de Pablo Neruda - confesso que caminhei! São 23h45min, de oito de maio de 2011.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 21ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1.** artes de fazer. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2.** morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Trad.: Maria Célia Santos raposo. 12ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.